

AS MUDANÇAS RECENTES NO COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONTEÚDO TECNOLÓGICO DOS FLUXOS DE COMÉRCIO COM DIFERENTES BLOCOS ECONÔMICOS.

Charles Bonani de Oliveira, Prof. Dr. Rogério Gomes. -
Sub-área - Economia – Departamento de Economia – Faculdade de Ciências e Letras –
Campus de Araraquara.

As transformações ocorridas na economia brasileira nos últimos 15 anos tiveram forte influência no debate acadêmico e político. Abertura comercial e financeira, sobrevalorização e desvalorização cambial e estabilização monetária foram alguns dos temas das discussões.

O comércio exterior brasileiro também esteve no centro das polêmicas. Os anos 90 foram marcados pela reversão do saldo comercial favorável, depois de grandes superávits. Após o Plano Real (1994), o país acumulou déficits comerciais em consequência das profundas mudanças na política econômica que repercutiram na estrutura, na dinâmica e na competitividade do parque produtivo nacional.

Este estudo se propõe a examinar as modificações ocorridas no padrão de comércio pós-abertura, a partir do conteúdo tecnológico dos fluxos de comércio entre o Brasil e os diferentes blocos econômicos nos últimos 15 anos. Esta avaliação parte de duas hipóteses, não excludentes, formuladas a partir da revisão bibliográfica: 1 – houve uma “especialização regressiva” (reprimarização), isto é, ocorreu uma concentração do comércio em produtos de baixa intensidade tecnológica; 2 – houve uma reorientação dos fluxos de comércio, levando a uma alteração no padrão de comércio.

A análise realizada a partir dos conteúdos tecnológicos dos produtos comercializados é capaz de revelar as possíveis especializações adotadas pela indústria brasileira. O padrão tecnológico do comércio é um recorte metodológico que demonstra as mudanças nos destinos/origens dos fluxos de comércio e, por isso, elucidativo das mudanças na estrutura produtiva de um país.

No intuito de viabilizar a proposta deste estudo, são previstos os seguintes passos para a elaboração das estatísticas comerciais, levando-se em conta três critérios: 1) valor médio é definido pelo quociente entre o valor da transação em dólares FOB (*Free on Board*) e seu peso em quilogramas. Adota-se uma hipótese utilizada em vários estudos, segundo a qual produtos com maior conteúdo tecnológico possuem valor médio mais elevado. O Valor Médio será utilizado como indicador do conteúdo tecnológico incorporado nos produtos transacionados com o exterior. A hipótese considerada é de que quanto maior o valor médio, maior será o nível tecnológico do produto. GOMES, et al., (2005) empregou o valor médio na comparação dos fluxos de comércio entre os diversos países e mostrou que dentro de uma mesma categoria tecnológica, existem distintas gradações de tecnologia para diferentes países. Assim, por exemplo, a categoria de produtos de Alta Tecnologia (AT) para o Brasil é composta por produtos menos sofisticados em relação à mesma categoria para a Coreia do Sul. Essa comparação internacional, via fluxo de comércio, com o objetivo de revelar a inserção do Brasil e do Estado de São Paulo à economia internacional, pode ser estendida para a análise dos blocos econômicos e dos objetivos desta pesquisa; 2) níveis tecnológicos: os três níveis tecnológicos – Alta, Média e Baixa tecnologia – resultam de um processo composto por duas etapas: i) a reclassificação dos produtos na nomenclatura NCM (Nomenclatura

Comum do Mercosul) em 12 categorias CTP (Commodity Trade Pattern), um agrupamento dos setores da economia segundo suas características principais:

CTP - Classificação por tipo de produto

1. Primários Agrícolas
2. Primários Minerais
3. Primários Energéticos
4. Manufaturados Agroalimentares
5. Manufaturados Intensivos em Outros Recursos Agrícolas
6. Manufaturados Intensivos em Recursos Minerais
7. Manufaturados Intensivos em Recursos Energéticos
8. Manufaturas Intensivos em Trabalho
9. Manufaturados Intensivos em Escala
10. Manufaturados Produzidos por Fornecedores Especializados
11. Manufaturados Intensivos em P&D
12. Não Classificados

Fonte: GOMES *ET ALL.*, 2005

ii) o reagrupamento das categorias anteriores, de acordo com os valores médios das exportações brasileiras de 1999, em 3 níveis tecnológicos¹; 3) Amostra: os países e as regiões do globo foram agrupados em diferentes blocos com o intuito de analisar a origem e os destinos dos fluxos de comércio do Brasil: NAFTA (Área de Livre Comércio da América do Norte); União Européia (UE); Japão e NIC's (New Industrialized Countries: Taiwan, Cingapura, Hong Kong e Coréia do Sul); MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), além de China e Índia, que são de crescente importância para as pautas de comércio exterior brasileiro e mundial.

Para a análise dos fluxos de comércio entre o Brasil e os blocos econômicos segundo o conteúdo tecnológico serão utilizadas as estatísticas os Banco de Dados disponíveis nos GEEIN: SECEX – Período 1989 a 2005: este banco tem informações detalhadas sobre o comércio brasileiro classificadas pela Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM); UNCTAD/PC-TAS – Período 1993 a 2001: dados de comércio exterior disponíveis sob a classificação Standard International Trade Classification (SITC). Com essas estatísticas será possível comparar os fluxos comerciais brasileiro com os de outros países, se necessário;

A análise dos fluxos de produtos de alta tecnologia mostrou, além de uma melhora no saldo comercial, que o conteúdo tecnológico das vendas externas ganhou densidade e o das compras internacionais apresentou ligeira redução. Nesse sentido, os termos das relações de trocas apresentaram alguma melhora. Por outro lado, no comércio destes produtos não foi verificada uma reorientação dos destinos dos fluxos de exportações, que continuaram tendo como principais parceiros o NAFTA e MCE.

¹ Divisão das 12 categorias entre os 3 níveis tecnológicos: Indústrias Intensivas em P&D e Fornecedores Especializados – **Alta Tecnologia**; Indústrias Intensivas em Trabalho; Indústrias Intensivas em Recursos Minerais; Indústrias Intensivas em Escala; Produtos Primários Agrícolas; Indústrias Agroalimentares e Indústrias Intensivas em Outros Recursos Agrícolas – **Média Tecnologia**; Indústrias Intensivas em Recursos Energéticos; Produtos Primários Energéticos; Produtos Primários Minerais e Não Classificados – **Baixa Tecnologia** (GOMES *et all.*, 2005).

Os resultado preliminares parecem indicar que: 1) nas importações houve elevação da importância dos países asiáticos como fornecedores de alta tecnologia para o Brasil; 2) elevação do saldo comercial com melhora dos termos de troca, principalmente MERCOSUL e NAFTA; 3) apesar da elevação do saldo comercial com os países asiáticos, os fluxos comerciais com esses países têm apresentado piora nos termos de troca.

Referências Bibliográficas

BARROS, J.R.M. & GOLDENSTEIN, L. “Reestruturação Industrial: três anos de debate”, in Velloso, J.P.R. (org.), *Brasil: Desafios de um País em Transformação*, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997.

BAUMANN, R. Uma avaliação das exportações intrafirma do Brasil: 1980 e 1990, in: Pesquisa e Planejamento Econômico, volume 23 – dezembro/1993, n 3 - IPEA

BAUMANN, R. A Alca e o Brasil: Uma Contribuição ao Debate. Brasília: Ipea-Cepal, 2003.

BIELCHOWSKY, R. Investimento na Indústria brasileira depois da abertura e do Real: o mini-ciclo de modernizações, 1995-97, CEPAL/Brasília, 1998, mineo, 72 páginas.

CASTRO, A.B. “A indústria brasileira às vésperas da desvalorização: o crescimento fácil e a inflexão possível”, in XI Fórum Nacional, Rio de Janeiro, 1999 (mimeo).

CASTRO, A.B. A capacidade de crescer como problema, in: VELLOSO, J.P. dos R. O Real, o crescimento e as reformas. Ed. José Olympio, RJ, 1996.

CHESNAIS, F. “A mundialização do capital”. São Paulo, Xamã, 1996.

COUTINHO, L. “A especialização regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização”, in Velloso, J.P.R. (org.), *Brasil: Desafios de um País em Transformação*, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997a.

COUTINHO, L. G. O desempenho da indústria sob o Real, in *O Brasil pós-Real: uma política econômica em debate*, ed. Unicamp, 1997b.

FURTADO, J. (org.); *Globalização das Cadeias Produtivas do Brasil*. São Carlos-SP, Edufscar, 2003.

FURTADO, J. et alli. Balanço de Pagamentos Tecnológico e Propriedade Intelectual. In *Indicadores de Ciência e Tecnologia e Inovação – 2001/ Fapesp*; [coordenação geral LANDI, F. R.] São Paulo: Fapesp, 2002.

GEREFFI G., HUMPHREY J., & STURGEON T.; *Global Value Chains Conference*, Rockport, Massachusetts, April 25-28, 2002.

GEREFFI, G. & KORZENIEWICZ, M.; *Commodity Chains and Global Capitalism*, Greenwood, 1994.

GOMES, R., RODRIGUES, H. & CARVALHO, E.G.; *Balanço de Pagamentos Tecnológico: O perfil do comércio externo de produtos e serviços com conteúdo tecnológico*, cap 7. In *Indicadores de Ciência e Tecnologia e Inovação – 2004/ Fapesp*; São Paulo: Fapesp, 2005a.

GOMES, R & STRACHMAN, E. “O papel das multinacionais no desenvolvimento tecnológico do Brasil: políticas industriais como indutoras de catch up tecnológico”. In *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 2, p. 41-50, abr./jun. 2005. Disponível em http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v19n02/v19n02_04.pdf (acesso em 15/01/06)

GOMES, R. Internacionalização das atividades tecnológicas pelas empresas transnacionais – elementos de organização industrial da economia da inovação. 2003. 190p. Tese (Doutorado). Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas 2003.

GONÇALVES, R. O Brasil e o Comércio Internacional: transformações perspectivas. São Paul, Ed. Contexto, 2000.

GONÇALVES, R. Competitividade internacional e integração regional: A hipótese da inserção regressiva. In: *Revista de Economia Contemporânea* (5), Rio de Janeiro, Ed. Especial, 2001.

IEDI – Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial. Política de Importação e o Sistema de Defesa Comercial. in Indústria e Desenvolvimento: Uma Análise dos Anos 90 e uma agenda de Política de Desenvolvimento Industrial para a Nova Década. IEDI. Novembro 2000.

LAPLANE, M. & SARTI, F. “O Investimento Direto Estrangeiro e a retomada do desenvolvimento sustentado nos anos 90”, in Economia e Sociedade (8), 143 – 81, Campinas, jun. 1997.

LAPLANE, M. & SARTI, F. Investimento Direto Estrangeiro e o impacto na balança comercial nos anos 90. Texto para discussão. IPEA. Brasília. 1999.

LUPATINI, M. P. Fluxo de investimentos e a reinserção do Brasil no mercado internacional: uma análise com base nos produtos agroindustriais. II Relatório à Fapesp. Araraquara, 2000, mimeo

MARKWALD, Ricardo A. O impacto da abertura comercial sobre a indústria brasileira. Estudos e Pesquisas nº11 – XII Fórum Nacional: Rio de Janeiro. 2001.

MARKWALD, R. e PUGA, F. Focando a Política de Promoção de Exportações. Texto apresentado em seminário no BNDES. Rio de Janeiro. 2002. Versão preliminar (mimeo).

MIRANDA, J. C. Abertura Comercial, Reestruturação e Exportações Brasileiras na Década de 1990. Texto para Discussão nº829. IPEA. Brasília. 2001.

MOREIRA, M.M. A Indústria brasileira nos anos 90. O que já se pode dizer? In: Giambiagi, F. & MOREIRA, M.M. (org). A economia brasileira nos anos 90. Rio de Janeiro. BNDES, 1999a.

MOREIRA, M.M. & CORREA, P.G. “Abertura comercial e indústria: o que se pode esperar e o que se vem obtendo”, Texto para discussão do BNDES, n.49, p.5-60, 1997.

MOREIRA, M.M. Estrangeiros em uma Economia Aberta: impactos recentes sobre produtividade, concentração e comércio exterior. Texto para discussão BNDES/DEPEC n.67, mar/1999b.

DE NEGRI, F. Conteúdo Tecnológico do Comércio Exterior Brasileiro: O papel das empresas estrangeiras, Texto para discussão (1074). IPEA. Brasília 2005

PEREIRA, W. Fragilidades e eficiências setoriais: o desempenho do comércio exterior brasileiro e suas relações com a estrutura produtiva nos anos 90. 84p. Monografia (Bacharelado). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual de São Paulo, UNESP, Araraquara, 2003. Disponível em: <<http://geein.fclar.unesp.br>>.

PICCININI, M. S. e PUGA, F. P. A Balança Comercial Brasileira: Desempenho no período 1997/2000. Texto para Discussão nº 90. BNDES. Rio de Janeiro. 2001.

PINHEIRO, A C. e MOREIRA, M. M. O perfil dos exportadores brasileiros de manufaturados nos anos 90: Quais as implicações de políticas? Texto para Discussão 80. BNDES. Rio de Janeiro. Junho de 2000.

ROSSI JÚNIOR, J.L. e FERREIRA, P. C. Evolução da Produtividade Industrial Brasileira e Abertura Comercial. Texto para discussão. IPEA. Rio de Janeiro. 1999.

RIBEIRO, F. & POURCHET, H. Participação das exportações e importações na economia brasileira – Novas estimativas para os coeficientes de orientação externa da indústria, 2002. Funcex. <http://www.funcex.com.br/artrbce.asp>. Acessado em: 14 out. 2004.

SERRA, J., “Ciclos e mudanças estruturais na economia brasileira do pós-guerra”, In: Belluzo, L.G.de M. (org.) Desenvolvimento Capitalista no Brasil – ensaios sobre crise, São Paulo: Brasiliense, 1983, v.1.

TAVARES, M. C. “O Processo de Substituição de Importações como Modelo de Desenvolvimento na América Latina”, in Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro. Ensaio sobre Economia Brasileira, 7ª ed., Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978.

VEIGA, P. da M. O viés anti-exportador: mais além da política comercial. Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX). Rio de Janeiro. 2002